



HENRIQUE SANTILIAN/OPAN

V Festival Juruena Vivo, 2018

V Festival Juruena Vivo: intercâmbio de saberes

O V Festival Juruena Vivo aconteceu entre os dias 01 e 04 de novembro na quadra poliesportiva do colégio São Gonçalo em Juína-MT. Sob o título de “Caminho das águas, floresta em pé, nosso chão”, o evento reuniu cerca de 200 pessoas com o objetivo de promover o diálogo e compreensão sobre as vitórias e as ameaças da sub-bacia do Juruena.

A valorização da geração de renda com produtos da região, principalmente através de práticas de economia solidária, também foi um dos principais assuntos que ocupou a programação do primeiro dia do evento. Os protagonistas desses intercâmbios foram os próprios coletores e produtores da castanha-do-Brasil, de pequi, de babaçu, artesãos e guardiões das sementes.

Outra das questões em destaque foi a importância da preservação ambiental e o alarme sobre a mudança climática. A Rede Juruena Vivo apresentou, ao final do evento, uma carta de várias comunidades da região que integra suas demandas para os negociadores da

Cúpula do Clima (COP24), na Polónia. [\[Mais informações pag. 4\]](#)

“Os resultados das pesquisas estão mostrando que estamos muito próximos do momento em que a Amazônia não terá mais condições de manter o equilíbrio climático”, afirmou Paulo César Nunes, coordenador do Projeto Poço de Carbono, durante a abertura do Festival. “Não tem como pensar em geração de renda se não conseguimos falar da nossa sobrevivência”, adicionou ele.

A programação incluiu apresentações culturais, exposições fotográficas e quatro oficinas de comunicação comunitária: fotografia, vídeo, redes sociais e jornalismo. “Organizar um evento, tão rico em diversidades de pessoas, envolve toda uma logística, uma dinâmica de comunicação com as comunidades”, explica Liliane Xavier, Secretária Executiva da Rede Juruena Vivo. Para ela, foi interessante “conseguir ampliar a participação dos agricultores dos assentamentos e ver os indígenas mais uma vez com tanta força”.

O evento contou com a presença dos povos indígenas: Apiaká, Munduruku, Kayabi, Rikbaktsa, Manoki, Tapayuna, Nambikwara e Paresi, além de agricultores familiares dos assentamentos P.A. Nova Esperança, Cotriguaçu, Ouro Verde, Santa Clara, Juruena, Vale do Amanhecer e Iracema. Para a realização do evento, a organização da Rede Juruena Vivo recebeu a ajuda das organizações Operação Amazônia Nativa (OPAN), Centro Indigenista Missionário (CIMI), Instituto Centro e Vida (ICV), Associação de Moradores e Veranistas de Fontanillas, Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), ONF Brasil, assim como dos projetos Berço das Águas, Pacto das Águas e Poço de Carbono Juruena, os três com patrocínio da Petrobras Socioambiental. O Festival também teve o apoio da: FUNAI, Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente e Prefeitura Municipal de Juína.

Tharlles Magalhães Barbosa e Gesiel Souza de Holanda - 4 de novembro de 2018, Juína, MT

Desenhos que contam histórias de resistências

Karla Dilacio, 33 anos, elaborou os desenhos e a informação gráfica preparada em tempo real sobre o V Festival Juruena Vivo. “O objetivo de desenhar é facilitar o entendimento de certas questões como a produção de artesanato ou as cadeias de extrativismo e beneficiamento de produtos regionais como a castanha”, afirma Karla. Ela, que adora desenhar, trabalha neste projeto desde 2015. A desenhista já participou de outras iniciativas de educação ambiental e de fortalecimento de povos indígenas na região do Juruena, Teles Pires e no estado do Acre, onde vive atualmente.

Jessica França - 4 de novembro de 2018, Juína, MT



PAINEL ELABORADO POR KARLA DILACIO

Realização:



Patrocínio:



Parceiros:



Geração de renda e valorização da sociobiodiversidade da Bacia do Juruena

Durante o primeiro dia do Festival, a quadra do colégio São Gonçalo se transformou numa feira de apresentação de iniciativas procedentes de associações de pequenos produtores de Mato Grosso com troca e venda de produtos.

O **Jornal Juruena** entrevistou alguns dos protagonistas desse intercâmbio que, além de explicar os detalhes dos seus produtos, mostraram o que representa esse trabalho na suas vidas cotidianas. O perfil completo dos e das produtoras pode ser acessado no site redeturuenavivo.com

Fabiane Oliveira Martins da Silva, Jessica França, Gesiel Souza de Holanda e Wesley Ribeiro Gomes da Silva - 3 de novembro de 2018, Juína, MT

HENRIQUE SANTIAN/OPAN



Artesanato das mulheres Rikbaktsa

MARCELO MUNDURUKU



Intercâmbio e aproveitamento da Sociobiodiversidade no V Festival Juruena Vivo

GESIEL SOUZA DE HOLANDA



Helena de Jesus Moreira é uma das integrantes da **Associação de Produtores Feirantes de Cotriguaçu (APROFECO)**. Ela trabalha com óleo de babaçu e copaíba, creme para pele, balaio de buriti, coité, mel de jataí, propolis e pimenta do reino. Seus produtos são vendidos na feira municipal de Cotriguaçu. “A natureza fornece meu sustento”, conta Helena.

JESSICA FRANÇA



Ivanildes Wata Rikbaktsa fabrica artesanatos em Juína, onde mora. Ela utiliza côco, sementes de pau brasil e outras sementes nativas de Mato Grosso para fabricar colares, brincos e adereços variados. Os objetos produzidos são vendidos em feiras, eventos e festas culturais. “Este artesanato faz parte do meu dia a dia”, conta.

GESIEL SOUZA DE HOLANDA



Rute Aparecida participa na **Associação de Mulheres Cantinho da Amazônia (AMCA)**, da cidade de Juruena. As integrantes desta associação trabalham com castanha-do-Brasil, a partir da qual produzem farinha, macarrão e bolacha. A associação tem 32 trabalhadoras que vendem os produtos em Cuiabá, Cotriguaçu, Rondonópolis e outras cidades. “Cada uma de nós tem vontade de vencer”, declara Rute.

WESLEY RIBEIRO GOMES DA SILVA



Verediana Viera atua como **Presidente da Associação de Coletores e Coletoras de castanha-do-Brasil** no Assentamento Juruena, no município de Cotriguaçu (MT). Eles trabalham com o extrativismo em castanhais de áreas particulares do município. Essa atividade é possível graças às parcerias e a concessão de coleta por parte dos proprietários. Como contrapartida, o grupo cuida da natureza nessas áreas. “A associação de coletores é um elo de sustentabilidade e diálogo entre as pessoas e a floresta”, afirma.

JESSICA FRANÇA



GESIEL SOUZA DE HOLANDA



Nilsa Serafim Oliveira Barros faz da parte associação **Mulheres Esperança** em Cotriguaçu. Elas trabalham com doces feitos de cacau e produzem artesanatos. A associação conta com seis mulheres que vendem a produção de casa em casa ou através do site Siscos (Sistema de Comercialização Solidária). “A associação se mantém na união e na vontade de vencer” afirma Nilsa.



Troca de sementes realizada durante o V Festival Juruena Vivo

Reflorestamento com sementes nativas do Xingu

A Rede de Sementes Nativas do Xingu coleta sementes das matas para reflorestar áreas degradadas. A associação que hoje conforma a Rede conta com 480 coletores, a maioria mulheres indígenas. “O foco da rede nunca foi ser uma indústria, e sim uma instituição de beneficiamento para humanidade”, afirma Acrizio Luiz Reis, coordenador da Rede.

A rede começou em 2004 quando a população da região do Xingu percebeu que a água do rio estava muito poluída e solicitaram ajuda do Instituto Socioambiental (ISA). O ISA procurou os fazendeiros para começar um trabalho de reflorestamento nas muitas nascentes que desaguam no rio Xingu e, em 2007, outros moradores da região começaram a participar nas atividades de coleta de sementes para recuperar a vegetação nativa que protege o rio.

“Em um ano coletaram 600 kg de

sementes de lobeira mas não tinham condições de fazer um reflorestamento nas áreas degradadas só de lobeira. Houve um grande prejuízo”, explica Acrizio, 66 anos, ao lembrar os desafios da Rede em seu início. O ISA procurou instituições para criar parcerias para o reflorestamento, entre elas a Associação de Mulheres Cantinho da Amazônia (AMCA), a Operação Amazônia Nativa (OPAN) e algumas comunidades indígenas. Foi colocado em prática um sistema de reflorestamento chamado muvuca, que visa garantir uma diversidade de espécies vegetais no reflorestamento. “Não pode ser só uma espécie de árvore, tem que trabalhar com plantas de pequeno, médio e grande ciclo para que haja uma harmonia e nenhuma atrapalhe a outra no desenvolvimento”, explica Acrizio, que adiciona que a muvuca só foi viável graças à ampliação de locais para coletar sementes variadas.

Hoje a rede tem coletores em 17 municípios e 15 aldeias da região do Xingu, todos capacitados pelo ISA desde 2008 para que os coletores e coletoras possam fazer um bom manejo e beneficiamento das sementes. A Rede exige alguns requisitos para se tornar um coletor, como o respeito ao meio ambiente, reflorestar e proteger as terras de queimadas e nunca coletar mais do 30% de sementes presentes no chão. Uma parte ainda considerável das sementes deve ficar no local para garantir o equilíbrio natural da área e para alimentar a fauna da região.

O trabalho da Rede teve tanto sucesso que surgiu a demanda de compra de sementes para o plantio e reflorestamento. Até esse momento, a Rede dependia do ISA, mas em 2010 se tornou necessário criar um estatuto independente de administração e de emissão de notas fiscais. Motivo pelo qual

em 2010 os coletores criaram uma associação que lhes permitiu obter cadastros de micro-empendedor (MEI) para comercializar as sementes. Em torno de 20% das sementes coletadas precisam ser tratadas antes da venda, o que também exige conhecimentos técnicos tanto no processo, como no armazenamento. “Tudo é feito da forma mais orgânica possível”, afirma Acrizio. “Além disso é essencial que os coletores fiquem atentos ao tempo de colheita para que haja uma boa germinação”, explica.

Hoje em dia, a Rede de Sementes do Xingu se mantém graças aos 10% que recebe dos rendimentos da coleta das sementes. No trabalho todo, desde a colheita até a comercialização, participam jovens, mulheres e homens. “Isso torna a Rede uma cultura familiar”, diz Acrizio.

Giesel Souza de Holanda - 3 de novembro de 2018, Juína, MT

Entrevista: o apoio da ANSA aos agricultores familiares

Ana Lúcia Silva Souza, 32 anos, é coordenadora do projeto socioambiental da Associação Nossa Senhora da Assunção (ANSA), localizado na cidade de São Félix Do Araguaia. A ANSA foi criada em 1973 e hoje trabalha com quatro assentamentos: Dom Pedro, Mãe Maria, Casulo e Bordolândia.

Como surgiu a ANSA e qual é a forma de trabalho de vocês?

A ANSA foi criada há 45 anos em São Félix do Araguaia para trabalhar com restauração de áreas degradadas. O objetivo inicial da Associação era que todos os assentados tivessem sua própria roça e plantio de alimentos. Ao longo desse programa, iniciou-se o processo de restauração, porque mui-

tos dos assentamentos estavam localizados em antigas fazendas e as áreas estavam degradadas.

Quais foram os principais obstáculos encontrados em todos esses anos de trabalho?

Um das maiores dificuldades enfrentadas foram as constantes queimadas. A região vive principalmente em período de seca, o que resulta em perdas de plantios de até 10 anos. Outros aspectos são a falta de assistência técnica do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), da Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER), além de assistência privada. A única ajuda para os assen-

tamentos vêm da ANSA e ela mesma defende que é necessário ter assistência técnica do governo para tornar viável a suas atividades.

Quais foram as principais conquistas da ANSA até hoje?

A associação conseguiu dar um incentivo de renda para os agricultores familiares. Além disso, visamos melhorar a qualidade de vida das famílias carentes tanto na zona rural quanto urbana. É importante mostrar para a região o trabalho feito por tantas mãos e apoiadores. Defendemos que um mundo melhor é possível.

Wesley Ribeiro Gomes da Silva - 4 de novembro de 2018, Juína, MT



Ana Lúcia durante o V Festival Juruena

Coletores de castanha-do-Brasil dão exemplo de sustentabilidade

A Associação de Coletores de castanha-do-Brasil do Projeto de Assentamento Juruena (ACCPAJ) surgiu em 2007 e atualmente se organiza em seis grupos de coletores. As atividades extrativistas são realizadas em 22 áreas particulares do município, através de termos de parcerias e concessão de coleta. Como contrapartida, o grupo cuida da sustentabilidade da floresta onde trabalha no monitoramento e, quando necessário, na restauração.

Uma das principais missões da ACCPAJ é elaborar um mapeamento participativo dos castanhais, tarefa primordial para o extrativismo sustentável da castanha-do-Brasil. A associação trabalha com 72 associados de 32 famílias, do município de Cotriguaçu (MT).

O principal objetivo é promover a união entre os coletores e coletoras de castanha-do-Brasil, assim como melhorar a renda e a valorização da floresta em pé, sempre sob o foco do incentivo à economia solidária. A



Associação ACCPAJ / Acervo do Instituto Centro e Vida (ICV)

associação também visa promover a agricultura familiar, para gerar autonomia financeira e ambiental através da venda de verduras e frutas.

Em janeiro de 2018, a associação começou a participar do projeto Redes Socioprodutivas, uma iniciativa do Instituto Centro de Vida

(ICV) apoiado pelo Fundo Amazônia/BNDES - que pretende elaborar um mapeamento participativo de castanhais, visando a melhoria da locomoção na mata fechada e a segurança dos coletores.

Wesley Ribeiro Gomes da Silva - 4 de novembro de 2018, Juína, MT

Os povos da bacia do Juruena denunciam os impactos da mudança climática na COP24

“Os tempos já não são os mesmos. Temos uma grande preocupação com as mudanças climáticas, que afetam nossos calendários, nossos rituais”, afirmou Juarez Paimy, do povo Rikbaktsa, durante sua participação na 24ª Conferência das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas.

A Conferência do Clima 24 (COP24) aconteceu entre o 3 e o 14 de dezembro na cidade de Katowice, na Polônia. Marta Tipuici, da etnia Manoki também esteve na COP24, junto com Paimy, para representar a Rede Juruena Vivo, formada por pessoas preocupadas com o desenvolvimento da bacia do Juruena.

“O nível dos córregos e do rio Sangue, que passam nas nossas terras têm diminuído muito. A cor do rio também tem mudado, ele era bem clarinho, (...) Hoje ele já está assim esbranquiçado, cor de leite”

Marta Tipuici

A COP é o principal evento contra a mudança climática organizado anualmente pelas Nações Unidas. Representantes dos governos de mais de 150 países e especialistas socioambientais se reúnem para negociar o compromisso mundial na proteção do meio ambiente contra a mudança climática, com apoio da sociedade civil.

“O nível dos córregos e do rio Sangue, que passam nas nossas terras têm diminuído muito. A cor do rio também tem mudado, ele era bem clarinho, (...) Hoje ele já está assim esbranquiçado, cor de leite”, conta Tipuici para o jornal Juruena em Foco. Ela explica que a deterioração da natureza da bacia Juruena tem se refletido num aumento de doenças, assim como em problemas respiratórios, principalmente nos idosos. “Tudo isso é por causa do clima, o clima está muito seco”.

Esta foi a primeira vez que a Rede levou diretamente suas demandas para uma COP. Isto foi possível graças a uma carta elaborada conjuntamente durante o último dia do V Festival Juruena Vivo e que foi levada para a Polônia por Tipuici e Paimy como porta vozes da população desta bacia.

Na carta que viajou até a Polônia, os povos do Juruena defenderam sua capacidade para produzir alimentos saudáveis sem necessidade de incluir agrotóxicos. As comunidades também reiteraram a importância da garantia à consulta livre, prévia e informada sempre que qualquer ação da administração pública ou investimentos de agentes privados possam afetá-los. “A gente não é ouvido. O mundo precisa saber o que acontece no Brasil”, explica Tipuici sublinhando a importância da sua presença na COP-24.

“Quem é que compra os produtos brasileiros que estão saindo com sangue dos povos indígenas, assentados, quilombolas? Eles são responsáveis por



Marta Tipuici na COP24

isso também. É hora de levar a voz dos povos indígenas e dizer que não é essa maravilha que o governo apresenta lá fora”, expressou a indígena Manoki. Por este motivo, Tipuici e Paimy pediram para as Nações Unidas que organizem um boicote contra as empresas estrangeiras que produzem em regiões brasileiras em conflito e que reconheçam o crime de ecocídio, de massacre da natureza, que acontece na região.

Gesiel Souza de Holanda e Luna Gámez, 15 de janeiro de 2019, Juína, MT

Este jornal é o resultado da oficina de introdução prática ao jornalismo comunitário, ministrada pela jornalista Luna Gámez, que aconteceu entre os dias 1 e 4 de novembro de 2018 em Juína, Mato Grosso. Repórteres no V Festival da Rede Juruena Vivo. Foto: Livia Alcântara/OPAN.



JURUENA EM FOCO

Expediente: Edição: Luna Gámez e Livia Alcântara. Jornalista responsável: Livia Alcântara (16821/MG). Repórteres: Tharlls Magalhães Barbosa, Fabiane Oliveira Martins da Silva, Jessica França, Gesiel Souza de Holanda e Wesley Ribeiro Gomes da Silva. Projeto gráfico e diagramação: Talita Aquino. Equipe Berço das Águas: Artema Lima, Tarcísio Santos, Edemar Treuherz, Liliane Xavier, Livia Alcântara.